

O ASPECTO VOCAL DA ENUNCIÇÃO: MOBILIZAÇÃO DE SENTIDOS NO ATO DE LEITURA

THE VOCAL ASPECT OF ENUNCIATION: MOBILIZATION OF MEANINGS IN THE ACT OF READING

Marlete Sandra Diedrich
Doutora em Letras
Universidade de Passo Fundo
(marlete@upf.br)

Edynara Ribeiro
Especialista em Língua Portuguesa
Universidade de Passo Fundo
(edynararibeiro@hotmail.com)

RESUMO: A obra de Benveniste tem sido revisitada nos últimos anos, especialmente no Brasil, suscitando diálogos com outros temas que até então não haviam sido abordados sob o viés da enunciação. Este artigo traz reflexões acerca de um tema apresentado pelo autor (BENVENISTE, 1970/1989): o aspecto vocal da enunciação, a partir do qual se propõe a focalizar os arranjos vocais na mobilização de sentidos no discurso decorrente do ato de leitura oral. Compreende-se a leitura, assim, como ato enunciativo, uma vez que ela mobiliza sentidos específicos e singulares a partir das escolhas do sujeito que enuncia, cujas marcas se revelam nos arranjos vocais que marcam o seu dizer.

Palavras-chave: Aspecto vocal da enunciação. Leitura oral. Mobilização de sentidos.

ABSTRACT: Benveniste's work has been revisited in recent years, especially in Brazil, eliciting dialogues with different subjects which, until then, had not been approached from the perspective of enunciation. This article proposes reflections on a subject presented by the author (BENVENISTE, 1970/1989): the vocal aspect of enunciation. Developing this theme, the present paper focuses on the vocal arrangements in the mobilization of meanings in the act of oral reading. Reading is understood as an enunciation act, since it mobilizes specific and unique ways based on the choices of the individual who states it, whose marks are revealed in the vocal arrangements.

Keywords: Vocal Aspect of Enunciation. Reading. Mobilization of Meanings.

Introdução

Em artigo datado de 1970, **O aparelho formal da enunciação**, amplamente explorado nos estudos da enunciação no Brasil, Benveniste reconhece um fenômeno geral da enunciação: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). No mesmo artigo, apresenta três aspectos a partir dos quais a enunciação pode ser estudada enquanto processo: a realização vocal da língua, a conversão da língua em discurso e o quadro formal da enunciação. Com base na sinalização de Benveniste

para a existência do aspecto vocal da enunciação e da possibilidade de estudá-lo em relação às suas especificidades, voltamos nosso olhar para a questão.

Neste artigo, retomamos a definição do aspecto vocal da enunciação¹ e relacionamos suas especificidades ao ato de leitura, o qual é concebido como um ato enunciativo. Temos como objetivo identificar os arranjos vocais mobilizados no discurso em decorrência do ato de leitura oral, os quais marcam, portanto, a mobilização de sentido por parte do sujeito que enuncia. Partimos do princípio de que essa relação existente entre aspecto vocal e sentido é decorrente da tríade homem-linguagem-cultura, a qual define o próprio homem, já que, segundo Benveniste, o homem nasce na cultura, e isso se dá via linguagem. Vemos nessa temática a possibilidade de nos enveredarmos pelo viés linguístico cultural visualizado na obra benvenistiana. Organizamos nossa reflexão da seguinte forma: inicialmente discutimos a leitura como ato enunciativo; na sequência, situamos o aspecto vocal da enunciação neste ato para, a partir das especificidades verificadas, relacionar a mobilização dos arranjos vocais com os sentidos específicos mobilizados no ato de leitura oral, o que nos permitiu tecer observações fundantes que compõem as considerações finais.

A leitura como ato enunciativo

Neste artigo, usamos a expressão “ato enunciativo” com base na tão conhecida definição de “enunciação” apresentada por Benveniste (1970/1989, p. 82) em **O aparelho formal da enunciação**: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Destacamos nessa definição a ideia de ação, proposta pelo verbo “colocar” e confirmada em seguida pelo linguista (1970/1989, p. 82) quando afirma: “é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. O locutor apropria-se do aparelho formal da língua e, nesse ato de apropriação, particulariza o emprego das formas a tal ponto que elas se configuram no aparelho formal da enunciação. No centro dessa vivência, está o funcionamento da língua, o que nos leva a refletir sobre o que, de fato, significa língua em

¹ Com base em Diedrich (2015). Tese de doutorado disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130026/000968603.pdf?sequence=1>

funcionamento. Quando a língua funciona? Cremos que por “funcionamento da língua” estamos tratando, com Benveniste, da comunicação humana. Afinal, a língua existe para que os locutores possam constituir-se como protagonistas de sua comunicação. Mas o conceito de enunciação diz mais: “por um ato individual de utilização”, o que nos leva a direcionar nosso olhar para as implicações de considerar-se a enunciação como um ato individual. O que vemos com essa definição nos faz entender que se a enunciação é um ato individual, as regularidades características da língua dão lugar às singularidades advindas da individualidade posta em cena na conversão da língua em discurso. Logo, se entendemos a leitura como um ato enunciativo, essas singularidades também se dão a conhecer.

No ato de leitura, então, concebido como um ato enunciativo, instaura-se uma relação intersubjetiva sempre inédita, em que o leitor se relaciona com o texto mobilizando sentido; no caso da leitura oral, este sentido se marca no aspecto vocal. O sentido, portanto, não está acabado no texto, ele é resultado do ato de apropriação do leitor, o qual é influenciado por elementos culturais, experiências sociais, pelo aqui e pelo agora do ato, entre outros fatores. Vendo a leitura por essa perspectiva, segundo Teixeira (2005), há algo de subjetivo nessa relação texto e sujeitos-leitores. Isso porque, segundo Silva (2014), ler significa reconhecer a forma e compreender o sentido. Nesse ato, portanto, faz-se necessário que os signos sejam reconhecidos no sistema da língua e que haja a compreensão dos sentidos a partir do discurso. O leitor, no ato enunciativo da leitura, é convocado, então, a mobilizar a língua em uso e apropriar-se dos sentidos naquilo e daquilo que lê. Silva (2014, p. 131) afirma:

Na leitura, o locutor-leitor deve dar conta da escolha feita pelo autor, do agenciamento das palavras, enfim, da organização sintática, considerando que as palavras só têm sentido na relação com outras palavras.

É por esse viés que entendemos a leitura como ato enunciativo. Na sequência, damos visibilidade ao aspecto vocal da enunciação a fim de melhor entendermos como ele se revela neste ato.

O aspecto vocal da enunciação

No artigo de 1970/1989, **O aparelho formal da enunciação**, Benveniste focaliza três aspectos a partir dos quais a língua pode ser estudada como enunciação:

o aspecto vocal, a conversão da língua em discurso, o quadro formal de sua realização.

Importamo-nos aqui com o aspecto vocal. Esse termo não está claramente definido na obra benvenistiana, mas entendemos que ele está intimamente associado aos outros dois aspectos propostos pelo autor e, por isso, no decorrer de nosso estudo, faremos a relação entre eles. A respeito do aspecto vocal, o autor afirma:

Os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração – são outras tantas ramificações da fonética – procedem sempre de atos individuais, que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala. (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82).

São muitas as possibilidades de interpretação do que de fato Benveniste propõe quando faz referência à realização vocal da língua. Na citação anterior, o autor se ocupa, com esse aspecto, do som em sua realização linguística. Acerca desse aspecto ainda, Benveniste (1970/1989, p. 83) revela uma característica fundamental para nossa investigação: “os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente”, ou seja, mesmo quando se repete a experiência, os sons reproduzidos apresentam nuances diferenciadas que se encarregam de mobilizar, no discurso, sentidos diferentes. Essa constatação nos leva a indagarmos: Que relação existe entre a leitura e a realização vocal da enunciação? Como a compreensão de sentidos se marca no aspecto vocal da enunciação no ato de leitura?

Como vimos anteriormente, Benveniste (1970/1989, p. 82) faz referência à “realização vocal da língua” como um dos aspectos a partir dos quais pode ser estudado o grande processo da enunciação. Destacamos o uso, pelo linguista, do elemento sintático determinante “da língua” e não da “enunciação” ao se referir à “realização vocal”. Além disso, não encontramos, nos textos do linguista, o uso explícito do termo “aspecto vocal da enunciação”. Na busca de definir o que, de fato, representa para nós esse aspecto na proposta que ora apresentamos, somos levados a refletir sobre essa questão terminológica em Benveniste.

Autorizamo-nos a pensar a realização vocal da língua como manifestação da singularidade do locutor no ato de apropriação da língua, uma vez que esse ato é particular e individual: “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais

reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 83). Essa condição revela especificidades acerca da relação do locutor com a língua relacionada à situação enunciativa, o que convoca à análise a relação locutor-língua, locutor-alocutário, locutor-enunciação, manifestadas nas vocalizações do locutor que se enuncia.

Essa discussão encontra eco na reflexão de Benveniste já destacada em **Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística**, em que defende a linguagem como sistema simbólico em dois planos:

De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 30).

O autor destaca *emissão* e *percepção*, o que coloca no centro de sua discussão a intersubjetividade e a comunicação de significados evocada pela emissão vocal do locutor em relação ao outro e, principalmente, o fato de se tornar acessível a experiência de um falante a outro.

Knack (2012) destaca que, em relação ao fato físico, há termos que se repetem nos artigos de Benveniste e que remetem à natureza vocal da linguagem: “ouvinte”, “ouvir”, “aquele que ouve”, “forma sonora”, “proferir”, “pronunciar”, fato atestado em outra passagem de **Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística**:

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve aprende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. (BENVENISTE, 1963/2005, p. 26).

Relacionamos essa passagem ao tratamento que o autor dá ao aspecto vocal da enunciação, ao afirmar que “os sons emitidos e percebidos [...] procedem sempre de atos individuais” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 82). Nas duas passagens, o linguista indica a possibilidade de entendermos a realização vocal da língua em relação ao fenômeno geral da enunciação, o que nos leva a destacar a intersubjetividade constitutiva desse ato. A realização vocal da língua, assim, envolve

a **emissão** e a **percepção** dos sons da língua em atos individuais, o que revela especificidades decorrentes da diversidade das situações nas quais a enunciação é produzida.

Para darmos conta da definição do aspecto vocal da enunciação, entendemos ser necessário discutir os conceitos de emissão, percepção e situação, nela implicados, à luz da teoria benvenistiana. Tomemos, inicialmente, o conceito de emissão. Entendemos que no artigo em que é referido, **O aparelho formal da enunciação**, ele está relacionado ao fato de o locutor se apropriar dos sons da língua e enunciá-los à sua maneira, o que constitui a subjetividade da enunciação fônica, na qual o *eu* da enunciação se marca. Nessa realidade, a emissão dos sons da língua é também marcada por traços individuais decorrentes das situações nas quais a enunciação é produzida, o que entendemos como a singularidade do aspecto vocal da enunciação. Ao nos voltarmos para a singularidade da situação enunciativa, convocamos o conceito de percepção, o qual está em relação de complementaridade com o primeiro conceito. Relacionamos a ideia de percepção à presença do outro, do tu, na enunciação, uma vez que, desde o momento em que o locutor assim se declara e assume a língua, “ele implanta o outro diante de si” (BENVENISTE, 1970/1989, p. 84, grifo do autor). Logo, se há uma singularidade na emissão dos sons da língua, decorrente da subjetividade com que o locutor se apropria dos elementos vocais, há também singularidade na recepção desses sons, o que marca a relação de intersubjetividade entre eu e tu. Por fim, voltamo-nos ao conceito de situação, referido por Benveniste como o responsável pelas diferenças de cada enunciação fônica do mesmo sujeito que se apropria dos sons da língua. Situação é a instância de discurso em que a enunciação acontece: o **aqui-agora** de cada enunciação, definido pela relação entre *eu* e *tu*. O que propõe Benveniste diz respeito às singularidades desse fenômeno, o qual, por essa razão, precisa ser visto como um dos aspectos do grande processo que é a enunciação, nosso objetivo nesta tese.

Somente assim, “a realização vocal da língua” referida por Benveniste (1970/1989, p. 82) assume seu estatuto de aspecto em relação ao fenômeno geral da enunciação. Afirmamos isso motivados pela mesma metodologia usada pelo linguista no artigo **O aparelho formal da enunciação**, ao considerar, segundo Flores (2008, p. 22), que a língua, como sistema que é, contém um aparelho de formas, cujo uso é

dependente da enunciação. Flores (2013, p. 168) afirma: “Ora, o locutor se apropria da língua, do aparelho formal da língua, para construir com ela um aparelho de enunciação”. Segundo o autor (2013, p. 168), “o dito aparelho formal de enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente”, pelo contrário, ele é construído a cada enunciação, a partir do aparelho de formas da língua. Seguindo esse raciocínio, entendemos que o que se realiza na enunciação fônica é a língua, mas completamente dependente do *aqui-agora* mobilizado na relação entre eu e tu, tal qual constata Benveniste quando afirma:

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 1966/1989, p. 230).

Assim, o ato de leitura visto como ato enunciativo coloca em evidência a realização vocal da língua no discurso, marcada pela subjetividade do locutor que se apropria das unidades da língua e as enuncia à sua maneira na instância enunciativa, na relação intersubjetiva com o outro da enunciação. A instância enunciativa na qual se dá a realização vocal da língua é responsável pelas singularidades que marcam a **emissão** e a **percepção** dos elementos vocais na enunciação.

Vemos na emissão e na percepção das unidades vocais da língua o simbolismo unir forma e sentido. É justamente por meio da emissão e da percepção dos sons da língua que o homem entra na linguagem e, conseqüentemente, nos dados que ela traduz no seio da cultura, uma vez que é ela, a linguagem, “a atividade significante por excelência” (BENVENISTE, 1966/1989, p. 223). Ou seja, ao mobilizar os elementos vocais da língua em palavras, o locutor mobiliza um conjunto de valores que marcam o mundo à sua volta. E, ao fazê-lo, imprime à emissão vocal as particularidades advindas da sua constituição como homem nesse meio cultural.

Benveniste (1963/2005, p. 27) afirma: “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe da enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo”. Essa implicação do outro traz à luz da discussão, imbricado no conceito de subjetividade, o conceito de intersubjetividade, segundo o qual a linguagem, em sua ação simbolizante, “torna a experiência interior de um

sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua” (BENVENISTE, 1963/2005, p. 30). É a intersubjetividade mobilizadora do que Benveniste entende como um sistema simbólico especial, constituído pela materialidade dos elementos vocais, emitidos pela mediação do aparelho vocal e percebidos pela mediação do aparelho auditivo; e pela imaterialidade dos significados evocados. Essa singularidade da emissão vocal traz o traço do humano à linguagem articulada pelo homem, uma vez que a realização vocal encontra a palavra; na natureza, a relação é outra: estando a palavra ausente, os animais não saem nunca da pura voz da natureza, comum à espécie inteira. O homem, segundo Benveniste (1963/2005, p. 29), “inventa e compreende símbolos”, desde muito cedo, quando ainda criança, o que o distingue do animal, o qual nunca chega a essa capacidade.

Por essa razão, entendemos que o aspecto vocal, ao ser compreendido como fenômeno específico em relação ao fenômeno geral da enunciação, diz respeito também a elementos não segmentáveis que fazem parte da organização singular da frase e não pode, por isso, limitar-se às unidades segmentáveis da língua. Para dar conta da frase como unidade do discurso, o estudo do aspecto vocal da enunciação convoca um olhar para elementos de outra ordem, os quais vão além das unidades segmentáveis e dizem respeito a constituintes de natureza integralizadora. Isso porque o aspecto vocal da enunciação integra unidades da língua e evoca sentidos singulares na enunciação. Do contrário, não conseguimos sair dos limites da análise da língua como sistema de signos.

Relacionamos, portanto, o aspecto vocal da enunciação à ideia de arranjo, referida anteriormente por nós e apresentada em diferentes momentos do raciocínio benvenistiano. Em **Estruturalismo e Linguística**, o autor afirma:

Dizer bom dia todos os dias da vida a alguém é cada vez uma reinvenção. Com muito mais razão, quando se trata de frases, não são os elementos constitutivos que contam, **é a organização do conjunto completo, o arranjo original**, então, cujo modelo não pode ter sido dado diretamente, que o indivíduo fabrica. (BENVENISTE, 1968/1989, p. 19, grifo nosso).

Ao apresentar essa ideia, o linguista relaciona o fato de o indivíduo fabricar o arranjo original das frases ao problema da aquisição da linguagem, afirmando que a

criança, no ato de aquisição da linguagem, utiliza, em partes, estruturas dadas, as quais, de outra parte, são renovadas. Essa questão, portanto, é central para situarmos o aspecto vocal da enunciação como parte do arranjo original da frase, o qual se encontra diretamente relacionado à atitude do locutor e à situação de discurso no ato de leitura.

Arranjos vocais na mobilização de sentidos no ato de leitura oral

Para melhor explicitarmos o que estamos focalizando em nossa reflexão acerca do aspecto vocal da enunciação na mobilização de sentidos no ato de leitura, apoiamo-nos na ilustração de um recorte enunciativo revelador da experiência da criança na linguagem². Esclarecemos que, neste artigo, não é nosso objetivo analisar questões pertinentes à aquisição da linguagem, embora reconheçamos que elas se fazem presente no fato enunciativo selecionado. O enfoque, entretanto, de nosso artigo, como já afirmamos, está nos arranjos vocais impressos ao discurso pelo locutor que enuncia sua posição de leitor no ato de leitura oral. No caso deste fato enunciativo, o locutor é uma criança, que, mesmo sem ainda dominar a habilidade de leitura, representa este ato por meio da mobilização dos arranjos vocais, os quais apontam para a interpretação da escrita e do mundo que a contém por meio de um modo de dizer específico que representa a leitura.

Recorte enunciativo³

Mar, Mãe

Data da coleta: 12/01/2013

Idade da criança: 2;7;18

Situação: Dália e Ber brincam no quarto quando Dália se envolve com um porta-retrato com uma foto sua e com seu nome escrito.

Dália i aqui uhn

.....

corpo Tenta pegar o porta-retrato de cima do móvel e o derruba.

Mar uui dá a foto não podi pegá

Dália mas eu quiiiiia a foto essa A MInha foto agri ... a minha foto

Dália tá a DRR-A

² Este recorte faz parte do corpus de pesquisa da tese de doutoramento de Diedrich (2015).

³ Para fins de transcrição, neste recorte, obedeceu-se às seguintes normas de transcrição: letras maiúsculas marcam tons ascendentes; sublinhados marcam tons descendentes; reticências marcam pausas; as repetições de vogais marcam alongamentos vocálicos; barras marcam interrupções, traços marcam sílabas. A linha nomeada “corpo” diz respeito aos gestos constitutivos do dizer da criança.

.....
corpo Segura o porta-retrato com a foto, mexe a cabeça enquanto fala, como se estivesse lendo.

Mar quem é essa?

Dália é da daa - liiii - iaa

.....
corpo Mexe a cabeça para baixo acompanhando os movimentos de silabação.

Mar tá escrito aí?... aondi?

Dália tááá quii ... aqui tá

.....
corpo Aponta com o polegar para a escrita.

Mar uuhmm

Mar o que que tá escrito??

Dália ãã no- mii ... DA - liiiiiiii- a

.....
Corpo Exagera nos movimentos dos lábios e da boca ao silabar.

É possível afirmarmos, com base na análise dos fatos enunciativos revelados no recorte, que a criança mobiliza os arranjos vocais na enunciação numa relação de interpretância da significação da própria língua. Essa relação diz respeito à língua em sua forma escrita: a criança, por meio da mobilização dos arranjos vocais, interpreta a escrita e o mundo que a contém, mostrando que, em sua experiência de significação construída na e pela linguagem, há um modo de emitir vocalmente a língua no ato de leitura oral, o qual se distingue das outras formas de a língua ser língua, como comprovam os alongamentos consonantais, os alongamentos vocálicos, a silabação e a gesticulação constitutiva dessas emissões, uma vez que a criança soletra as palavras escritas e acompanha esse dizer com o gesto de percorrer, com o dedo, as palavras escritas, mesmo sem ter adquirido ainda a habilidade da leitura. Trata-se de uma representação do ato de ler, uma vez que, mesmo sem essa habilidade constituída, há, em seu dizer, a mobilização de um saber sobre esse modo de dizer o que está escrito. A criança se apropria, portanto, de valores culturais advindos do universo letrado, impressos no discurso. Paralelo a isso, o recorte enunciativo mostra a relação de intersubjetividade criança-outro; neste caso, o outro é um adulto e, portanto, conhecedor dos esquemas culturais que caracterizam a relação da modalidade de língua falada e de língua escrita na sociedade. Essa relação se marca na percepção que o outro tem dos sons emitidos pela criança, interpretando **o arranjo vocal** mobilizado pela criança como significativo e próprio do ato de leitura da palavra escrita, ou seja, os alongamentos consonantais, os alongamentos vocálicos, as pausas e a silabação, acompanhados pela gesticulação particular,

constituem referência para o outro resgatando dados culturais que se imprimem na língua e que denotam “uma certa relação com o mundo”. No caso desse recorte, com o mundo do letramento, da escrita, da leitura, do universo de valores que determinam o modo específico de dizer o que está escrito.

Considerações finais

Ao mobilizar os arranjos vocais em sua enunciação, o leitor, portanto, se apropria da língua e dos rudimentos da sua cultura que se acham nela impressos. Faz isso por meio das relações de interpretância da língua em relação aos demais sistemas culturais. Por meio dessa mobilização, o leitor assume seu lugar de sujeito de dizer da única forma que lhe é possível fazê-lo: interpretando a realidade por meio da apropriação do aparelho formal vocal da língua, tornando-o particular e próprio. O recorte enunciativo analisado comprova que a relação constitutiva existente entre o aspecto vocal, a língua e a leitura se manifesta desde cedo na historicidade do indivíduo em seu meio social e cultural, uma vez que são valores culturais que se dão a conhecer na apropriação do ato de leitura oral, mesmo que este seja apenas um simulacro infantil.

Referências

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

DIEDRICH, M. S. **Aquisição da linguagem: O aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem**. Tese de doutorado. UFRGS, 2015.

Disponível em

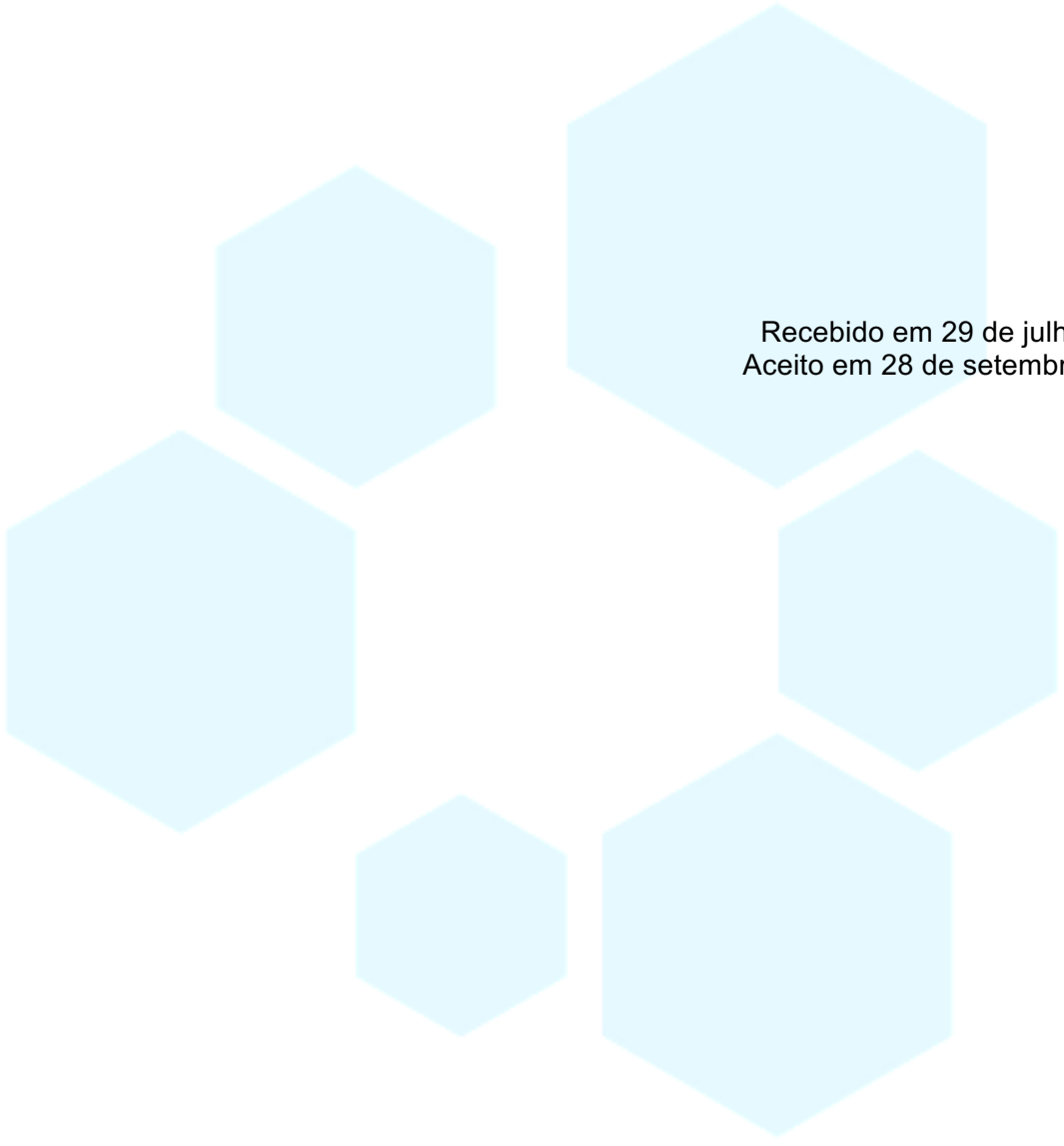
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130026/000968603.pdf?sequence=1>

FLORES, V.; TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, C. L. A experiência do vestibulando na linguagem: do diálogo com a proposta de redação à escrita do texto. In.: REBELLO, L. S.; FLORES, V. **O texto de vestibular em perspectiva**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2014.

TEIXEIRA, M. É possível a leitura? **Nonada**: leitura em revista. Ano 8. n. 8. Porto Alegre: Unirriter, nov. 2005. p. 195-204.



Recebido em 29 de julho de 2016
Aceito em 28 de setembro de 2016